

UM MUNDO MELHOR

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Pensando na Conferência em favor da anistia dos presos políticos de Portugal e Espanha, e lembrando a recente onda de anti-semitismo, e relembando outros fatos mais antigos fomos levados a cogitações sobre a forma ideal que teria o mundo de nossos sonhos. O homem, por uma decorrência imediata de sua definição, é um ser que tem fome e sede de perfeição, embora nem sempre isto pareça claro, sobretudo quando corremos os olhos pela galeria de nossos homens públicos. Devemos entretanto notar que eles também têm a mesma força ascensional, com a única restrição de estar mal dirigida. Cada qual quer subir porque é próprio do homem desejar subidas. Enganam-se frequentemente no estilo e na natureza da excelência disputada, mas a força primeira, o instinto ascensional que vem do espírito, dificilmente se apaga de todo numa alma racional.

Como será o Mundo Melhor de nossos sonhos? É curioso que quase sempre a resposta dada a esta pergunta vem em termos de coisas exteriores ao homem, como por exemplo a maior facilidade de locomoção ou a maior eficiência das máquinas em geral. O ano 3000 ou 4000 é quase sempre pensado em termos de engenharia. Ora, nós estamos cansados de saber que os aparelhos exteriores ao homem podem melhorar a vida humana sob muitos aspectos, mas não melhoram o próprio homem. A técnica é neutra como fator ético. A estação TV-Rio acaba de nos dar uma interessante ilustração desta tese simples. Num programa de um canalhismo dificilmente superável, a humanidade do homem, a imagem e semelhança de Deus, a alma imortal esteve no pelourinho do ridículo, do pior dos aviltamentos. Creio que os jornais já descreveram suficientemente a cena em que o deputado Tenório, pegado de surpresa pelo animador da TV, teve de raspar a barba para uma determinada firma oferecer 30.000 cruzeiros a um padre que também apareceu na TV para nos envergonhar, e para confirmar aquela passagem de Shakespeare onde o poeta diz que não há nada mais perigoso do que um vigário com obras na paróquia.

Programas como estes provam que não é a Televisão que trará um melhoramento, um progresso interno nos homens desta desvaibrada humanidade. Por mais forte razão, não serão também satélites artificiais e bombas. O Mundo Melhor tem de ser procurado numa perspectiva diferente, que pode incluir aqueles aparelhos, desde que eles estejam subordinados a critério mais alto. Voltando a pensar

na agitação que houve em torno da mencionada Conferência, com a qual estou inteiramente de acordo, e com cuja proibição depois revogada estou inteiramente em desacordo, podemos encaminhar nossas considerações e nossas esperanças terrestres em outra direção, que aliás, por motivos que davam para escrever um tratado, se presta ao sorriso livido dos céticos. O Mundo Melhor só pode ser um mundo melhor se houver maior apuro na aplicação da justiça, e maior consciência do que representa o fato simples e espantoso de um homem ser um homem. E só pode ser efetivamente melhor se tudo isto estiver submetido ao reinado do Único Rei verdadeiro.

Para tal resultado temos de trabalhar em matéria difícil de filosofia do direito, assim como muitos estão trabalhando para a cura do câncer. O nosso câncer, a meu ver, é o conjunto de falsos valores deixados no mundo por uma falsíssima filosofia que oficializa o egoísmo nas relações pessoais e o nacionalismo nas relações internacionais, e que trouxe ao mundo um conceito de "soberania" que diviniza o Estado e que traça muralhas intranponíveis para a justiça. O conceito está tão enraizado, tão inviscerado e mergulhado no inconsciente dos habitantes desta quadra histórica que já vi mais de um socialista ou ex-socialista escrever — a propósito da visita do general Craveiro — que nós outros não temos nada com o que se faz dentro da fronteira portuguesa.

Colocando ingenuamente o problema, e imaginando um círculo de giz traçado na superfície deste pobre globo terrestre, todo o mundo sentirá a insanidade da idéia de quem pretendesse que, dentro de um daqueles círculos, o chefe pode matar, esfolar, e fazer o que quiser, em nome da defesa de suas idéias. Nós sabemos que a casa de família, inviolável sob tantos pontos de vista, não é absolutamente fechada à jurisdição da cidade. Nós temos sagrados direitos sobre nossos filhos. Podemos, dentro de largos limites, variar o modo de ensinar, o modo de vestir, o horário das refeições, etc. Se entretanto o vizinho do prédio fronteiro vir pela janela que numa casa de família o pai está torturando o filho, então, nesse momento, segundo a lei e em conformidade com o bom senso, esse vizinho, por ser homem, por ser um defensor da humana dignidade, torna-se misteriosamente portador de um direito que normalmente pertenceria ao pai. Nesse momento ele tem mais direito sobre a criança do que toda a família junta.

Quando porém o risco de giz se estende, e dentro dele aparece uma organização política e se arma o altar do Deus Mortal de Hobbes, então, incompreensivelmente se fecham as janelas dos vizinhos e mais ninguém tem direito de intervir nos massacres íntimos daquela comunidade. Toda a razão de queixar-se tinha o governo espanhol no exílio, no seu recente documento, quando dizia que o mundo ocidental inteiro tinha culpa no prolongamento da difadura espanhola. Em nome de tal conceito bastardo, dá-se capa de respeito ao comodismo, ao egoísmo das nações. Hitler pôde fazer horrores com os judeus, e só conseguiu mover as pesadas democracias no momento em que as esbofetou. Mas enquanto traía os compromissos tácitos da humanidade, as leis do humano respeito, as leis da justiça não escrita, deixavam solta a fera que mais tarde se tornaria autor de vinte ou trinta milhões de assassinatos. Em relação à Rússia de hoje tornou-se moda, até entre os da ala de bobos católicos que se julgam muito avançados em relação aos velhos que ainda continuam a detestar o comunismo com o mesmo vigor, tornou-se moda tolerar, admitir que aquilo seja uma das formas admissíveis de governo, e até uma das boas formas porque produziu satélites artificiais.

Não tenho ilusões a respeito da dificuldade da tarefa de remoção de tão pesado ídolo. Nem pretendo conseguir grande coisa. Penso entretanto que é tempo de começar a malhar na pedra deste conceito de soberania, responsável por tantos crimes das nacionalidades. No seu grande livro "O Homem e o Estado", Jacques Maritain insiste que a filosofia política deve libertar-se tanto da palavra como do conceito de Soberania, "não porque se trate de um conceito antiquado (como pretendem Hugo Preuss, "Gemeinde, Staat, und Reich" als Gebietskörperschaften (Berlín, 1839), e Charles E. Merriam, "History of the Theory of Sovereignty since Rousseau" New York, Columbia University Press, 1900), ou em virtude de uma teoria sociológico-jurídica do "direito objetivo" (como pretende Léon Duguit, "Law in the Modern States", New York, Viking Press, 1919), nem tampouco pelo fato de criar o conceito de soberania dificuldades insuperáveis e confusões teóricas no campo do direito internacional. Sustento-o porque, considerado em sua autêntica significação e na perspectiva do devido setor científico ao qual pertence — o da filosofia política — esse conceito é intrinsecamente errôneo e capaz de nos desorientar se continuarmos a empregá-lo sob o pretexto de que foi aceito durante um período muito longo..." Numa nota ao pé da página (pág. 41 da tradução portuguesa editada pela AGIR, 1952) Maritain lembra que Harold J. Laski, em seus "Studies in the Problem of Sovereignty" chega às mesmas conclusões por caminhos filosóficos diferentes.

Na verdade, o conceito só se mantém para efeito interno da estrutura política de um povo e para o efeito externo das relações internacionais, se em torno daquele traço delimitador a que nos referimos atrás, ou dentro dele pusermos uma forma nova, um Governo Onipotente como dizia von Mises, ou um Estado divinizado, sim realmente dotado de atributos divinos. A forma mais perfeita desta soberania sustentada por uma deidade ou por uma onipotência é sem dúvida a do Estado Totalitário como hoje se realiza na pobre Rússia e na pobre Espanha.

O ponto em que insisto, e no que martelo, é o seguinte: só haverá realmente progresso, progresso humano, progresso medido por ganho de mais cordial e mais justa convivência, quando umas tantas idéias monolíticas da civilização moribunda forem derrubadas. Não pretendemos ter força para obra tão formidável, mas bem podemos ser a pequena fração de um total que dia a dia crescerá. Se entretanto os homens que deviam ter maior noção dos direitos do homem, e da universalidade desse direito, se tornam nacionalistas por causa da Esso ou da Light, ou por causa das nuvens que tomam por Juno, então o nosso país dará pobre, minguada, miserável contribuição ao esforço que todos têm de fazer para um mundo melhor.